

Rêgo, André Heráclio do, Neves, Lucia Maria Bastos P., Guimarães, Lucia Maria Paschoal (org.) (2021). *Oliveira Lima e a longa História da Independência*. São Paulo: Alameda, 390 p., ISBN 978-65-5966-030-8

Muito mais do que podem encontrar nossos olhos: novas e desafiadoras perspectivas sobre o legado de Oliveira Lima.

André Sena

Escrever sobre Oliveira Lima não é tarefa simples nem exercício para amadores. Trata-se de trabalho que envolve no mínimo caminhos metodológicos muito distintos por dependerem tanto de intensa pesquisa documental quanto da leitura atenta de toda a *monumenta limiana*, com uma recepção generosa dos estudos de comentaristas pregressos. No caso do livro objeto da presente resenha, soma-se ainda um outro desafio: por tratar-se de obra coletiva, foi mister reunir por afinidade de temas aqueles autores que com seus textos darão concretude a esse projeto editorial. Três organizadores se dispuseram a tanto e um prodigioso resultado se produziu: um livro que demonstra com cristalina clareza que, em se tratando de Oliveira Lima e dos estudos sobre a Independência brasileira aos quais ele tanto se dedicou, há muito mais do que nossos olhos podem, a princípio, perceber.

A partir da análise que faz da correspondência trocada entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre em fevereiro de 1921, André Heráclito do Rêgo chama a atenção para o que Lima considerava como rascunhos preparatórios da ruptura do Brasil com Portugal: os diversos processos políticos ocorridos no Brasil antes de 1822, especialmente o que chamava de *movimento dos padres*, ou Revolução Pernambucana de 1817. O autor desse capítulo nos garante que o interesse de Oliveira por este processo fora precoce, já presente em outra obra, de 1895. Tudo indica, revela André Rêgo, que ao mesmo tempo

em que Lima valorizava o que de fato ocorreu em Pernambuco, também fazia ressalvas ao que teria sido o alcance nacional daquela revolução. Na percepção de Lima, teria havido ali uma espécie de «ensaio democrático», que se destinava a tornar-se algo maior, mas que, no entanto, ficara circunscrito a alguns «cérebros exaltados», devotos zelosos de uma libertação americana ideal. A seu ver haveria no ambiente político revolucionário pernambucano certo descompromisso de ação, associado a um quê de «doutrinarismo e desinteresse». Segundo Oliveira Lima, o êxito da tomada do poder pelos revolucionários se devera mais ao imobilismo do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro do que ao avanço ideológico e estratégico dos sublevados.

Segundo Lucia Maria P. Neves, autora de «Oliveira Lima e o Império do Brasil: uma nova narrativa», embora haja vasta historiografia sobre o Brasil Império, ainda é possível recorrer a obra de Oliveira Lima e dela extrair novos recursos de análise e pesquisa sobre o tema. Antes mesmo da *Revolução dos Annales*, que definitivamente proclamará a necessidade imperiosa do diálogo entre a História e outros saberes, Oliveira Lima falava da possibilidade de uma relação ainda mais íntima entre a História e a Geografia para a compreensão de um país da complexidade do Brasil. Lucia Bastos recupera a questão levantada por Oliveira Lima sobre a natureza *per se* de nossa separação de Portugal e a crítica que o pensador fazia a certo prejuízo romântico, causado pela noção de que nossa emancipação se deu a partir de um «desquite amigável».

Em «Manuel de Oliveira Lima: o epílogo da história comum de Brasil e Portugal», Lucia Maria Paschoal Guimarães, chama a atenção para a obra *Dom Miguel no Trono (1828-1833)*. Editada em Portugal, a obra é, ainda hoje, pouco conhecida e nela, Oliveira Lima, defende os direitos de D. Miguel com argumentos que aprofundaria em *D. Pedro e D. Miguel: a querela da sucessão em Portugal (1826-1828)*, lançada três anos antes de seu falecimento. Esses dois livros faziam parte de um plano de sequenciamento à sua principal obra, *D. João VI no Brasil*, que não chegou a se concretizar. Lucia Guimarães ressalta o caráter complexo e multifacetado da análise de Oliveira Lima, ao buscar sempre compreender as repercussões do «embrulho familiar num cenário mais amplo»: a performance das potências do Atlântico; a dinâmica da diplomacia europeia e o aparecimento de novos *players* no jogo político do momento, como os Estados Unidos de Andrew Jackson.

No capítulo «Um ‘imenso Portugal’? A hipótese de um império luso-brasileiro no contexto internacional do início do século XIX», Paulo Roberto de Almeida questiona a possibilidade de o Brasil ter assumido um lugar central na formação de um Império Luso-Brasileiro. O autor ressalta a primazia brasileira na provisão de recursos ao Tesouro Real, com a

afluência significativa de ouro e diamantes, extraídos de suas minas, o que poderia ter servido como base fundamental para a síntese de um Império multicontinental, tendo o Brasil como centro maior de poder. Nesse sentido, Hipólito da Costa e José Bonifácio de Andrada e Silva simbolizam o conjunto de estadistas devotados à criação, mesmo que apenas idealizada, de uma «unidade político-econômica, de escala mundial», sob a forma de um Império luso-brasileiro sediado no Rio de Janeiro. Paulo Roberto de Almeida entende o projeto luso-brasileiro como necessariamente conectado à dinâmica de outros projetos de poder transcontinentais, considerando que a fragilidade portuguesa no contexto europeu foi um elemento de estratégia atlântica que acabaria por fortalecer o processo de *interiorização da metrópole*, ocorrido entre os anos de 1808 e 1821.

Em «Oliveira Lima interpreta o Brasil (a propósito de um legado intelectual)», Arno Wehling discute a recepção da obra de Oliveira Lima a partir de sua diversidade, lembrando seu papel fundamental na compreensão do nosso passado e a forma como suas conclusões foram incluídas em um corpo explicativo de natureza mais geral. Wehling destaca a dedicação de Oliveira Lima ao estudo aprofundado dos documentos históricos e o diálogo entre heurística e hermenêutica como aspectos presentes no conjunto da obra do intelectual brasileiro. A «percepção sociológica» de Oliveira Lima no exame dos processos sociais, segundo Wehling, pode ser verificada a partir de quatro traços essenciais que marcaram a obra do intelectual brasileiro: «a história regional, a biografia, o comparatismo e a síntese histórica». A carreira diplomática do autor é aqui evocada como um elemento capacitador desse olhar comparativo e abrangente sobre os processos domésticos brasileiros e sua relação concêntrica com esferas mais amplas, especialmente no ambiente das três Américas.

Sendo uma obra de composição plural, a lista de autores que participaram na criação de *Oliveira Lima e a longa História da Independência* é bem mais ampla do que revela esta resenha. Porém os capítulos e autores aqui apresentados nos revelam o espírito e o propósito geral deste projeto, ainda que cada um de seus participantes tenha contribuído de forma singular para o estudo deste incontornável pensador brasileiro.

ANDRÉ LUIS PRUDÊNCIO SENA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
andresena.marduk@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0144-7106>

